

## **BELO OU MONSTRO? ENTRE O PURITANO E O HERÉTICO, UMA LEITURA DISCURSIVA ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO- PERSONAGEM DORIAN GRAY**

Henrique Sergio Wanderley

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte*  
*henrystel@hotmail.com*

Maria Eliza Freitas do Nascimento

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte*  
*elizamfn@hotmail.com*

Este artigo se orienta a partir dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de tradição francesa, uma corrente investigativa dos estudos da linguagem que se constitui pela relação língua, sujeito e história. Nosso trabalho enfoca o discurso puritanista religioso da Inglaterra do século XIX, bem como o seu dual, o discurso herético dos transgressores da lei vitoriana. Objetivamos, aqui, analisar como ambos atuam, de forma intrínseca, na constituição dos sujeitos daquela sociedade, destacando a constituição do sujeito discursivo *Dorian Gray*. Desse modo, utilizamos como corpus o discurso literário da obra *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, onde o belo e o horrendo representam, respectivamente, de forma simbólica, o puro e o pagão. Procuraremos, pois, descrever e analisar como esses dizeres perpassam a construção discursiva do sujeito discursivo *Dorian Gray*, protagonista desta obra. Para basilar as nossas análises apoiamos-nos em categorias analíticas como sujeito, memória discursiva, formação discursiva e interdiscurso. Nossa pesquisa tem como norte os escritos de Michel Pêcheux e Michel Foucault, além de outros estudiosos, tais como Eni Orlandi e Jean Jacks Courtine. Ao final, as análises pretendem revelar um *Dorian Gray* dual, tão belo quanto monstro<sup>1</sup>. Um sujeito discursivo não uno, mas clivado pelas diferentes vozes que se encontram em sua constituição.

**Palavras-chave:** Subjetividade; Beleza; Puritano; Herético; Inglaterra vitoriana

### **Introdução**

Entre tantas correntes investigativas dos estudos da linguagem, optamos por investigar os dizeres acerca da beleza e da monstruosidade embasados nos postulados teóricos da Análise de Discurso de linha francesa (AD doravante). Nossa escolha se faz por entendermos, à luz da AD, que os discursos não se constituem a partir de um sujeito homogêneo, posto que este não é origem do seu dizer, e que os sentidos que são produzidos constroem-se em um processo contínuo de interlocução entre sujeitos que enunciam de um determinado lugar, a partir de um dado contexto histórico-social.

---

<sup>1</sup> Os termos monstro e monstruoso aparecerão em nosso trabalho não como sinônimo de corpo organizado que apresenta conformação anômala em todas ou em alguma das suas partes, mas para designar um sujeito que se excede às leis, à ética, e a tudo o quanto se possa imaginar de mau.

O sujeito para a AD é, pois, clivado visto que se constitui pelo conjunto das mais diferentes vozes que o envolve. Assim é que, em seu ato de enunciação, encontra-se como parte constitutiva de uma teia, conjunto de palavras e proposições cujos sentidos se produzem, pluralizam-se, (re)significam-se, dando margem para outros sentidos. Esta pluralidade acontece porque as palavras significam diferentemente em dada época e de acordo com o lugar social que ocupa o sujeito que as enuncia. Desse modo, “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em si mesmo” (PÊCHEUX, 1997, p. 190) mas de acordo com a historicidade do enunciado que marca o lugar do sujeito.

O que temos, assim, é um sujeito que se constitui enquanto uma “posição” a depender da Formação Discursiva (FD doravante) a qual está filiado e na qual se entrelaçam diferentes discursos. Todos oriundos de lugares sociais e momentos históricos igualmente distintos. É toda uma produção de dizeres acontecendo em um movimento de vai e vem na e pela história, em consonância, sempre, com uma memória discursiva, que é social, e com o interdiscurso.

Nesse contexto, este trabalho irá descrever, na obra *O retrato de dorian Gray*, de Oscar Wilde, os discursos puritanista religioso da Inglaterra do século XIX e o de seus opositores, os sujeitos heréticos que transgrediam a lei vitoriana. Objetivamos, em nossas análises, destacar a partir de relações interdiscursivas, do resgate da memória discursiva e do estudo das relações de saber/poder, a constituição do sujeito discursivo *Dorian Gray*. Essa investigação se apoiará nos nomes basilares da Análise de Discurso francesa, Michel Pêcheux e Michel Foucault, bem como em outros autores que estudam o discurso.

De acordo com a AD francesa, percebemos no universo literário uma linguagem que fala de si mesma e, se deslocando no tempo e no espaço, perpetua-se ao infinito trazendo-nos múltiplas possibilidades de sentido, contudo, nunca qualquer uma. Desse modo, procuraremos vislumbrar, no discurso literário de *O retrato de Dorian Gray*, as relações entre as vontades de verdade institucionalizadas pela Inglaterra vitoriana e os dizeres interditados dos heréticos que, juntos, constituem o sujeito-protagonista, homônimo, aqui em análise.

Para tanto observaremos as condições de produção do discurso de Wilde que, vivendo sob a égide da coroa vitoriana, escreve a obra prima de sua literatura a partir de uma interdiscursividade conflituosa: o *puritanismo* postulado pela Igreja Anglicana, chefiada pela Rainha Vitória I, e o discurso *herético* apresentado a Dorian Gray pelo aristocrata Lorde Henry Wotton. Ao lado de sua majestade encontram-se o pintor Basil Hallward e todos os cristãos, homens e mulheres de bem tementes a Deus, obedientes à Coroa. Assim, entre Wotton e Hallward, veremos um Mr. Gray ora

belo, ora monstro, ora puro, ora herético, haja vista que, para a Análise de Discurso, pensar o sujeito implica pensar a história, a sociedade e a sua relação com o outro; elementos através dos quais se constituem as práticas discursivas e nas quais se observam a constituição dos sujeitos.

## **AAD E O DISCURSO LITERÁRIO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL**

Dentre as demais correntes investigativas da linguagem, a Análise de Discurso de linha francesa se destaca por trazer, ao bojo da discursividade, a intrínseca relação da língua com tudo aquilo que se encontra fora dela mesma, ou seja, com a sua exterioridade. Desse modo, ao tomar o discurso como seu objeto de estudo, essa teoria investiga além do texto, não se limitando, pois, à sua constituição linguística, que lhe é inerente. Assim, a AD trabalha escavando a historicidade dos discursos pela qual se constituem as redes de sentido dos enunciados que não estão nunca sozinhos, mas margeados, sempre, por outros que se fazem presentes na longiquidade mesma de sua ausência. Nesse contexto, a AD concebe a linguagem a partir das “relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito”(PÊCHEUX, 1997, p. 44).

Em meio a essa proliferação contínua dos dizeres, o analista do discurso incumbe-se a tarefa de organizar os sentidos que emergem dessa jamais estanque produção discursiva. Entrelaçados, como em uma teia, os discursos constituem-se em uma rede de enunciados cujos efeitos de sentido podemos, jamais, lê-los como um só, tampouco como qualquer um. Produzidos alhures, pela força do funcionamento da língua, os enunciados deslizam-se e se transformam, apresentam-se, sempre, “intrínsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...)” (PÊCHEUX, 1997, p.53).

Assim é que as produções discursivas dos indivíduos, em sociedade, trazem consigo “vontades de verdade” plenas de saberes e poderes que agem de maneira decisiva na constituição das subjetividades dos sujeitos, que não existem fora do discurso que, para Foucault (2010) acontecem “ indefinidamente, para além de sua formulação, são distos, permanecem ditos e estão ainda por dizer”.

Como pretendemos discorrer acerca da construção discursiva do sujeito Dorian Gray, entendemos que é preciso ocuparmos um lugar junto àqueles que escutam antes, que percebem antes, as riquezas desse “oráculo retrospectivo” (FOUCAULT, 2007) que, no vai e vem da história, nunca esgota o seu dizer. Assim, à luz da AD francesa, concebemos o sujeito não como um

indivíduo singularizado, mas como uma posição que se constitui na esfera do discursivo e, portanto, pelo entrelaçamento de vozes que, vindas do passado e de todo lugar, seguem enredando-o de forma a constituí-lo repleto dessa heterogeneidade.

Como uma colcha de retalhos ostenta cores das mais diversas em uma imagem, que são muitas e ao mesmo tempo, a depender do sujeito que a contempla, assim se constituem o discurso e o sujeito, que se constitui nele. Não sendo, também, jamais estático o discurso nunca é uno mas, sempre, disperso em uma rede de tantos outros que lhe proporcionam uma pluralidade de efeitos de sentido que a língua em movimento constrói. Esses efeitos de sentido oriundos da produção discursiva dos sujeitos encontram-se além do linguístico. Estão, pois, intimamente imbrincados com o materialismo histórico que revela a presença de um já-dito no interior daquilo é dito agora.

Nesse ínterim, concebemos como indispensável a discussão a respeito do interdiscurso e da memória discursiva tendo em vista o caráter basilar destas categorias na constituição do sentido. Aqui, em particular, trataremos do sujeito-vitoriano, o personagem-protagonista Dorian Gray que, conforme pretendemos comprovar em nossa análise, encontra-se clivado em meio a Formações Discursivas (FD) distintas que revelam os lugares sociais daqueles que enunciam bem como os conflitos entre os sujeitos (e os deste sujeito-protagonista) nos espaços de produção de seus dizeres.

Por FD entendemos um conjunto de dizeres que são mobilizados pelos sujeitos em uma dada época e espaço discursivos. Estes são autorizados por regras que determinam a emergência, o silenciamento e/ou mesmo o apagamento dos discursos. Contudo, uma FD é de caráter atemporal, haja vista o fato de que se apresenta sempre povoada por discursos outros que circularam antes e em espaços sociais “primeiros”. A exterioridade está, assim, na base de sua constituição haja vista que, conforme Pêcheux, uma FD não é um espaço estruturalmente fechado mas “constitivamente ‘invadido’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais”.

Esses elementos alhures de que fala Pêcheux constituem aquilo que conhecemos por interdiscurso, esse discurso outro que se encontra imbricado no dizer do sujeito ressoando ali um já-dito, aparentemente, desconhecido. Percebemos, pois, os ecos de dizeres passados fazendo-se emergir, no intradiscurso, entendido por Pêcheux (1997, p. 167) como “o fio do discurso” do sujeito que fala, isto é, como efeito do interdiscurso sobre si mesmo. Interdiscurso (o já-dito) X intradiscurso (aquilo que se está dizendo): essa é, pois, uma relação necessária. Dessa forma, o pré-construído não somente ocasiona, por força de um (re)surgimento contínuo em uma repetibilidade

ininterrupta , o deslizamento e a ressignificação dos sentidos, mas também proporciona a regularização destes.

Apropriando-se do conceito foucaultiano de domínio de memória, é J. J. Courtine quem traz para a Análise de Discurso de linha francesa a noção de memória discursiva. A sua relação íntima com o interdiscurso explica o fato de ambas as categorias serem apresentadas como sinônimas em muitos trabalhos de estudiosos da AD. No entanto, algumas especificidades não de ser consideradas. Para Courtine (1999, p.18), o interdiscurso é pensado como uma “ série de formulações, marcando cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre elas formas linguísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraçando-se, opondo-se entre si, transformando-se.)”. De acordo com Pêcheux, a construção dos sentidos se dá pelo choque inevitável com outros sentidos. É dessa forma que os sujeitos articulam a constituição de seus discursos, recuperando sentidos, apagando ou se esquecendo de outros que vêm, ou não, pela memória.

Recuperar o pré-construído pela memória, é, pois, condição necessária para a constituição de um sentido que se quer fazer emergir e, conseqüentemente, garantir a sustentação de um novo dizer. Assim, para esse autor, a memória discursiva não se apresenta como algo de natureza cognitiva, tampouco psicologista. Não é, pois, parte de lembranças individuais do sujeito, mas de um domínio público, social, que atua reestabelecendo os implícitos e/ou os pré-construídos, “a condição do legível em relação ao próprio legível” (Pêcheux, 2010, p. 52). É assim que conseguimos capturar e legitimar os moldes dos novos dizeres, dos novos sujeitos, de uma nova sociedade

Ao investigar as condições de produção do discurso e os seus efeitos de sentido na esfera social, a AD traz contribuições significativas para os estudos literários. Nesse contexto, entendemos que desvendar a construção discursiva de um sujeito que é personagem e que, portanto, se constitui no universo ficcional, obriga-nos a conceber a leitura do texto literário como o “momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação” (ORLANDI, 1999, p.47-48). É por esse viés que enveredamos na leitura discursiva de *O retrato de Dorian Gray*.

### **Lorde Henry Hallward e Basil Wotton: o discurso do outro na construção discursiva do sujeito Dorian Gray**

Único romance escrito por Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray* causa um grande furor na Inglaterra do século XIX, sobretudo em Londres, onde a narrativa se passa, e cuja sociedade era o

berço da enaltação à moral e aos bons costumes. A aristocracia londrina, da época em que viveu Wilde e na qual Mr. Gray está inscrito, encontra-se sob a vigilância do discurso puritano cristão. Homens e mulheres têm os seus papéis sociais rigidamente estabelecidos. Assim, fugir à ordem do discurso é, pois, um régio pecado, haja vista que os sujeitos vitorianos deveriam se guiar pelo modelo de decência postulado por sua Rainha Vitória I. É imerso a estas condições de produção, que Oscar Wilde escreve sua obra prima, no âmbito da literatura, utilizando-se de Dorian Gray, para denunciar, através dele, a hipocrisia desta mesma sociedade cujos sujeitos mantinham ocultos os seus sentimentos, desejos e mesmo as práticas mais reprováveis pela Igreja Anglicana e pela Coroa.

Como o nosso intuito é analisar a construção discursiva do sujeito-protagonista Dorian Gray, partimos do princípio de que este apresenta características de um sujeito clivado pelos discursos religioso e herético trazidos pelo sujeito autor do romance. Constituído por sua relação com o seu outro, o jovem Mr. Gray, tenta equilibrar-se entre dois universos cujas Formações Discursivas aparecem em condições de contraidentificação: as FDs que constituem o mundo da fé, da verdade e do bom cristão, no qual Dorian Gray vivera, exclusivamente, até aquele momento inicial da narrativa, e outras que, agora, começam a se lhe descortinar; aquelas que compõem o mundo das emoções vis. É nesse jogo de desidentificação e identificação com uma e outra FD que se constitui o sujeito discursivo Dorian Gray.

Conforme vimos acima, o sujeito da AD se constitui na tensão intrínseca existente entre o seu mundo exterior e aquilo que os outros desconhecem. Assim, do mesmo modo que a sua relação intersubjetiva lhe permite identificar-se enquanto sujeito de si, livre e autônomo, na outra ponta desse processo de subjetivação, o sujeito se constitui pelas relações de saber e de poder próprias de sua interação com o seu outro. Este outro constitutivo do sujeito, no discurso do sujeito autor Oscar Wilde, encontra-se representado nas figuras dos personagens Lorde Henry/Harry Hallward e Basil Wotton. O amigo aristocrata e o pintor amigo de Dorian Gray, respectivamente. O enunciado discursivo a seguir nos mostra isso.

Enunciado Discursivo I ( p. 18 – 19 )<sup>2</sup>

- Não desejo que o conheça, Harry.
  - Por quê ?
  - Não quero que o estrague. É uma natureza simples, pura e bela. Sua tia tinha razão.
- Neste momento, o mordomo apareceu no jardim e anunciou:
- Sr. Dorian Gray está no ateliê, senhor. [...]

<sup>2</sup> A título de esclarecimento: O diálogo que apresentamos no Enunciado Discursivo I inicia-se com a voz do sujeito-personagem Basil Wotton, o pintor amigo de Dorian Gray.

O mordomo inclinou-se e subiu a alameda.

- Harry, ouça bem: Dorian Gray é o meu melhor amigo. Não tente modificá-lo. Há muita gente, criaturas maravilhosas por aí ... Vá procurar uma dessas. [...]

- O outro sorriu. Tomou o braço do amigo e quase o arrastou para dentro.

Neste primeiro enunciado discursivo, o autor nos apresenta os personagens-outros que se digladiarão, na narrativa de Wilde, com o intuito de impor os seus discursos, as suas vontades de verdade ao jovem Gray. Conhecendo bem o seu amigo aristocrata, Basil Wotton teme às consequências que o encontro com lorde Henry Hallward possa trazer ao belo moço do retrato. O pintor é um homem profundamente moral que se encanta pela beleza física tanto quanto pela candidez da alma de seu modelo. A imagem social de Dorian, captada por Basil no momento em que ele se encontra no estrado, representa, para o artista, a beleza plena, a maneira como os homens deveriam ser em corpo e em espírito.

Mr. Hallward representa a mais completa desidentificação a esse discurso puritano régio-religioso e, ao apresentar a Gray a outra face da sociedade londrina poderia acertar em cheio a candura do jovem rapaz. Assim pensava Wotton, que se encontra na FD do Clero e da Coroa. O resultado desse embate de vontades de verdade veremos se descortinar nos enunciados discursivos que seguiremos apresentando, uma vez que como aponta Husserl “é verdadeiro para cada um aquilo que lhe parece verdadeiro; para um, será tal coisa, para outro, a coisa contrária, se essa coisa lhe parece verdadeira” (Husserl apud Pêcheux, 1997, p. 58).

Enunciado DISCURSIVO II: ( p. 20 – 24 )

- Este é Lorde Henry Wotton, Dorian. Um velho amigo meu, de Oxford. Eu estava justamente dizendo que você é um modelo raro e você estragou tudo.

- Não me estragou o prazer de conhecê-lo, sr. Gray. – Falou lorde Henry, estendendo a mão. [...]

- É muito amável, Basil. Mas tenho que ir mesmo. Até breve, sr. Gray. Procure-me, pelas cinco horas estou sempre em casa. [...]

- Fique, Harry, como um favor a Dorian e a mim – disse o pintor. – Rogo-lhe que fique. E agora, Dorian, suba ao estrado e procure parecer alegre. Não se mova demais. Não preste muita atenção ao que diz esse camarada. Ele exerce uma influência nociva sobre todos os seus amigos. Menos sobre mim.

- É verdade, lorde Henry? Tão má é sua influência, como diz Basil?

- Boa influência é coisa que não existe, sr. Gray. Toda influência é imoral... do ponto de vista científico.

-Por quê?

-Porque influenciar uma pessoa é emprestar-lhe nossa alma. [...]

O aspecto romântico do rosto de Lorde Henry Wotton e a sua impressionante voz grave e melodiosa conferia-lhe uma elegância que encantavam Mr. Gray. A sua imagem aristocrática fascinava o jovem. Também Mr. Wotton parecia querer lhe iniciar em uma inquestionável sabedoria acerca das coisas do mundo - “Procure-me, pelas cinco horas estou sempre em casa.” - Tudo naquele homem incitava Dorian ao novo, mesmo que este fosse de encontro às suas convicções de cristão reto e puro.

Nesse contexto, ao acionarmos a memória discursiva fazendo um resgate do discurso religioso, conseguimos ver no sujeito-personagem de Mr. Wotton, a materialização da figura do diabo que está sempre à espreita das fraquezas humanas. A respeito desse ser do mal, segundo o discurso puritano religioso, Mandrou (1979, p.64-65) diz ser ele - o diabo - “um tentador que promete riquezas e todos os esplendores terrestres: a quem quer que seja, mesmo àqueles que já estão deles providos. [...] O tentador dispõe de armas que o tornam quase irresistível já que possui toda ciência”. Dorian Gray é rico, belo, bom. Para Mr. Wotton, o retrato mais que perfeito de um ser a quem se intente desvirtuar “porque influenciar uma pessoa é emprestar-lhe nossa alma”.

#### Enunciado Discursivo III ( p. 24 – 25 )

- Sentemos à sombra – propôs lorde Henry. – Expondo-se ao sol, ficará queimado, e Basil não poderá pintá-lo.
- Isso não tem importância.
- Tem muita, sr. Gray.
- Por quê?
- Porque o senhor é um prodígio de mocidade. Pode não dá importância à aparência agora. Mas quando um dia estiver velho, enrugado e feio ... [...]. Só os espíritos fúteis não julgam pelas aparências. [...] Portanto dê valor à sua mocidade, enquanto a tem. [...] Procure sempre sensações novas. [...]E nada há no mundo senão a mocidade.
- Dorian escutava. Olhos muito abertos, pensando.

Com sua impecável performance discursiva, Lorde Henry destila todo o seu poder de persuasão, pois tem consciência de que o seu “discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (Foucault, 2010, p.49.), nos olhos de Dorian Gray. Diante disso, o autor já nos dá pistas de que a angelical inocência de seu sujeito-protagonista será corrompida, no decorrer do romance, pela influência nefasta do aristocrata Lorde Henry Wotton. Este sujeito-personagem é um hedonista que, reverberando em suas palavras o interdiscurso da eterna juventude, almeja despertar em Gray o desejo de ser sempre jovem e belo pois “não há nada no mundo senão a mocidade”.

Os discursos acerca da beleza têm toda uma historicidade e os mundos dos belos e dos feios são objetos de estudo de Umberto Eco. Este filósofo e esteticista italiano, interessado por esses temas que perseguem o homem, em todas as sociedades, pesquisou e escreveu a *História da Beleza* (2004). Aqui, vemos o olhar sobre o belo revelando-se sob contornos diferentes, a depender da sociedade e de seu período histórico mostrando que o conceito de beleza jamais se apresentou como “absoluto e imutável”.

Na outra ponta do fio do discurso da beleza, encontramos, em Eco (2007) a *História da Feiura*. Nesta obra, o autor nos conta o quanto era perigoso estar fora da ordem do discurso de Agathos, filósofo que, lá no período da Idade Média, estabeleceu primeiro a relação belo/bom, feio/mal. Este foi um tempo em que mulheres não dotadas de “beleza” eram consideradas bruxas e feiticeiras pelo simples fato de serem “feias”. Este pecado era severamente punido pela igreja que as levava para a fogueira como forma de eliminar o “inimigo”.

A discussão sobre a beleza e a feiura abordada por Eco (2004 – 2007, respectivamente) nos oportuniza um resgate de memória através da qual podemos entender como construímos, ao longo da história, os conceitos de belo e feio que deixaram suas marcas nos sujeitos de todas as sociedades, no sujeito-protagonista Dorian Gray. Os ideais de beleza e juventude, trazidos por Eco, perpassam a construção discursiva desse personagem, como podemos observar no enunciado abaixo transcrito do capítulo 2.

Enunciado Discursivo IV ( p. 26 – 28 )

De repente, Basil parou de pintar. [...]

- Está pronto! – falou, afinal. [...]

- Está pronto, realmente? – perguntou como se tivesse despertado de um sonho. [...] Que tristeza!- falou Dorian. – Eu ficarei velho, feio, horrível. Mas este retrato se conservará eternamente jovem. Se fosse o contrário! Por esse milagre eu daria tudo, até a alma!

- Eu me oporia a isso – disse o pintor.

- Acredito, Basil. Para você não passo de uma figura. Mas por quanto tempo gostará de mim? Sei agora que, perdendo a bela aparência, perderei tudo. No mundo, só a mocidade vale. Lorde Henry está certo. O quadro me confirma isso. Quando achar que estou envelhecendo, suicidar-me-ei.

Basil ficou aterrado!

- Dorian, não diga isso! [...]

- Tenho inveja das coisas cuja beleza não morre. Tenho ciúme do retrato que você fez de mim. Se o retrato mudasse e eu fosse sempre o que eu sou agora!

Enterrou o rosto nas almofadas, como se estivesse rezando.

- Isto é obra sua, Henry – disse Basil.

- É o verdadeiro Dorian Gray. Apenas isso.
- Não é, não. Vocês me fazem abominar o meu trabalho mais perfeito. Vou destruí-lo.  
Dorian levantou-se. Viu o pintor apanhar uma espátula para raspar a tela...
- Dorian pulou do sofá e impediu-o de tocar no quadro:
- Não, Basil, não! Seria um crime. Este retrato é parte de mim mesmo e me pertence.

O que vemos nesse momento da narrativa é um embate discursivo entre Basil Wotton, o pintor, e seu amigo Lorde Henry Hallward, que lutam para que o jovem do retrato assuma, também como sua, a vontade de verdade que cada um deles representa: “Isto é obra sua, Henry – disse Basil. “É o verdadeiro Dorian Gray. Apenas isso.” “Não é, não.[...]”.

Conforme assinalamos acima, uma das formas pelas quais se constitui o sujeito são as imposições que lhe vêm do seu exterior. O sujeito é, pois, uma posição que emerge a partir das relações de saber/poder. Contudo, ele não se encontra irremediavelmente atrelado a uma força que não possa contornar. Assim, nas páginas que se seguem no romance, veremos um sujeito que, apesar de se constituir pelo o outro, encontra-se livre para experiência de inúmeras possibilidades de condutas e comportamentos podendo julgá-los, aceitá-los ou refutá-los haja vista que o poder só poderá ser exercido sobre sujeitos livres no momento mesmo em que estes são/estão livres.

Afetado pelas palavras de Henry, que lhe apresenta o culto institucionalizado ao belo, desencadeia-se em Dorian Gray um tanto horror ao velho e ao feio a ponto de levar o sujeito-protagonista a pensar em suicídio antes que as marcas da velhice inundassem o seu rosto - “Sei agora que, perdendo a bela aparência perderei tudo. No mundo só a mocidade vale”. Essa reação apavora Basil, pois o pintor percebe que o amigo se perdera nas trincheiras do discurso herético de lorde Henry. Dorian Gray não é mais o mesmo. Essa nova vontade de verdade que o acometera, trazida pelo interdiscurso da juventude para sempre, impõe-lhe cuidados de si e o governo do próprio corpo (FOUCAULT, 2007). Por isso ele inveja “as coisas cuja beleza não morre”, por isso ele tem ciúme de seu próprio retrato, um presente de Basil, e por isso ele reza na tentativa de legitimar o seu desejo de beleza e juventude eternas.

Apoiando-se no poder da fé, Dorian Gray demonstra um conflito em posicionar-se entre os discursos clérigo e o mundano. Contudo, no momento em que pula do sofá e impede a destruição do retrato, como se estivesse preservando a si mesmo para viver eternamente jovem e para sempre belo, vemos que é pelo discurso da beleza e da monstruosidade - que lhe apresenta lorde Henry - que se passa a conduzir toda a construção discursiva desse sujeito-protagonista. Na leitura de Foucault (2000, p. 79), a figura do monstro se concebe a partir da transgressão “dos limites naturais,

transgressão das classificações, transgressão do quadro, transgressão da lei como quadro: é disso que de fato se trata na monstruosidade”. Dorian Gray é, pois, belo e monstro, bom e mal, puritano e pagão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trazer a obra O retrato de Dorian Gray para o bojo da discursividade à luz da Análise de Discurso de linha francesa, proporcionou-nos enxergar como os sujeitos se constituem em sociedade a partir da circulação dos dizeres autorizados e dos que são interditados também. Resgatando a memória do dizer, encontramos discursos que se confirmam respectivamente, ao mesmo tempo em que se digladiam numa relação de saber/poder na tentativa de impor as suas vontades de verdade.

Ser bom cristão, reto e puro é a norma régia. O puritanismo é, pois, o discurso autorizado da sociedade dos belos, da Inglaterra vitoriana de Dorian Gray. Isso pudemos constatar pelo desespero do pintor do retrato, Basil Hallward, ao perceber que seu modelo começa a se desidentificar com essa Formação Discursiva à medida em que se inclina em direção a FD dos heréticos. Rico, jovem e dono de uma beleza ímpar, Dorian Gray se deixa tomar pela vaidade após ver-se frente ao trabalho concluído de Basil Hallward, que pintou o seu retrato. Também pudemos verificar, nessa obra, que a memória discursiva remete os sujeitos-personagens a lugares e tempos remotos, o que explica seus dizeres e suas práticas em sua sociedade. A velhice é feia e má. Façamos tudo, pois, em nome do belo.

Nesse trabalho, apresentamos duas FDs: o puritanismo real dos cristãos de boa fé e a vontade de saber dos heréticos. Ambas se fazem presentes na esteira da discursividade vitoriana norteando, pois, a construção discursiva do sujeito-protagonista. Dorian Gray tem a liberdade de escolher o seu caminho, decidir entre as FD que lhes apresentam os outros sujeitos-personagens, ser do bem ou ser do mal, e até mesmo transitá-los, a menos que a força de uma instituição o interdite.

Neste contexto, é que o sujeito-autor Oscar Wilde opta por constituir discursivamente o sujeito-protagonista Dorian Gray entre os dizeres de Basil, autorizados por Vitória e os dizeres interditados por esta rainha. Aqueles que os vitorianos não ousavam falar em público.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COURTINE, Jean Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F & FERREIRA, M. C. L. (org.) *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. p.15 - 22. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

ECO, Umberto. *História da Beleza*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. *História da Feiura*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2007

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LISPECTOR, Clarice. *O retrato de Dorian Gray/ Oscar Wilde*. Texto em português de Clarice Lispector. – 5. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

MANDROU, Robert. *Magistrados e Feiticeiros na França do Século XVII*. Trad. Nicolau Sevcenk e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1979, 458p.

ORLANDI, E. P. A Produção da Leitura e suas Condições. In: BARZOTTO, V.H. (Org.) *Estado de Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi – Campinas, SP: Pontes, 1990.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi. [et. al.]. 3.ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. [et al] *Papel da Memória*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. (Orgs). GADET, Françoise; HAK, Tony. Trad. Bethânia S. Mariani...[et al.] – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.